



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 22 de setembro de 2018



Museo Casa de la Memoria (Medellín) | cortesia do Museu

O MUSEU CASA DA MEMÓRIA (MEDELLÍN) E A MEMÓRIA COMO PASSADO-PRESENTE

Miguel Cardina

No seu livro *O Museu da Inocência*, Orhan Pamuk imaginou um museu como se fosse uma casa. Um espaço íntimo onde a história pudesse ser vislumbrada através de retalhos e fragmentos do quotidiano. Um ponto mais destinado a percorrer as trajetórias biográficas, na sua diversidade e riqueza, em lugar de produzir e reproduzir o discurso épico da nação. Pode um museu ser uma casa?



O MUSEU CASA DA MEMÓRIA
(MEDELLÍN) E A MEMÓRIA
COMO PASSADO-PRESENTE

O *Museo Casa de la Memoria* (MCM), situado no centro de Medellín (Colômbia), assume essa possibilidade na sua própria designação. Criado em 2006 e inaugurado em 2011, ele resulta de uma iniciativa da Câmara Municipal, no quadro de um programa de atenção a vítimas do conflito armado. A auscultação popular que então se seguiu definiu que era necessária uma casa e um museu. Ou seja, um espaço que complementasse a urgência de encontro, sentido em primeiro lugar pelas vítimas e pelos seus familiares, mas que não descurasse igualmente a premência de expor e discutir o fenômeno da violência para que ela pudesse ser superável.

As circunstâncias em que o MCM labora obrigam, de algum modo, a refletir sobre a natureza da memória e sobre o papel político, pedagógico e moral que ela desempenha. Com efeito, a missão do museu surge como marcada pela ideia de superação e de não-repetição de atrocidades que ainda persistem e se manifestam. “Memórias vivas”, uma das expressões mais presentes nas atividades do Museu, não nos convoca apenas a pensar a persistência, em testemunhos do vivido e em certos fenômenos sociais, do passado no presente. Lembra-nos que o conflito ainda não terminou e que as dinâmicas acionadas de reconhecimento e de reparação simbólica são contemporâneas da guerra. Na verdade, e apesar da agenda de paz em curso, permanecem choques entre guerrilhas, paramilitares, Estado e narcotráfico, numa Colômbia em que o conflito armado provocou mais de 200 mil mortos e que, de acordo com o Registro Único de Vítimas, afetou diretamente a mais de 8 milhões de pessoas.

Ainda que faça eco de um contexto temático e geográfico diferente, percorrer as atividades levadas a cabo pelo MCM conduz-nos a refletir sobre a imbricação entre memória, arte e território. Importa sublinhar as particularidades de Medellín: lugar que cresceu com o deslocamento forçado de populações, cidade mais violenta do mundo no início da década de 1990 e que carrega o estigma do narcotráfico, recentemente redescoberto, em termos internacionais, com a *glamourização* televisiva da figura de Pablo Escobar. Neste quadro, a violência está inscrita no território e é experienciada a diferentes níveis sociais e humanos, o que faz com que a sua transmissão, mesmo entre as gerações mais jovens, tenha ancoragem a partir do vivido e obriga a que o Museu acabe por definir uma noção algo difusa de “vítima”, visibilizando também aquelas produzidas por distintas e, em certa medida, articuláveis, manchas de violência.

A proposta museológica passa pois por utilizar a memória como ferramenta reflexiva que permita ressignificar esse passado-presente e que abra espaço para modos partilhados e plurais de contar o



O MUSEU CASA DA MEMÓRIA
(MEDELLÍN) E A MEMÓRIA
COMO PASSADO-PRESENTE

acontecido, um elemento que se evidencia percorrendo a exposição permanente *Medellín: Memórias de Violência y Resistencia* e - de forma ainda mais evidente - nos processos participativos de construção das exposições *Geografías de la Verdad* (que esteve patente ao público até agosto) e *Medellín ES* (atualmente visitável e que terá uma segunda parte inaugurada em final de setembro). Museologia viva em conexão com as comunidades, o MCM tem no recurso à expressão artística um eixo fundamental do seu labor. Como afirma a sua diretora, Adriana Valderrama, o poético e o artístico permitem tornar visível aquilo que os silêncios hegemónicos ou a força das narrativas únicas tendem a entender como resíduo subjetivo.

Miguel Cardina é investigador do Centro de Estudos Sociais. É investigador associado do projeto MEMOIRS e coordenador do projeto CROME. É autor ou co-autor de vários livros, capítulos e artigos sobre colonialismo, anticolonialismo e guerra colonial; história das ideologias políticas nas décadas de 1960 e 1970; e dinâmicas entre história e memória.

ISSN 2184-2566